

**RYAN
GRAUDIN**



Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Ryan Graudin

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Blood for Blood

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Giovanna Serra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graudin, Ryan

Sangue por sangue / Ryan Graudin ; tradução
Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,
2017.

Título original: Blood for Blood.

ISBN 978-85-5534-043-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

17-04389

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

-  /editoraseguinte
-  @editoraseguinte
-  Editora Seguinte
-  editoraseguinte
-  editoraseguinteoficial

Para Kate, escritora talentosa e amiga fiel.

Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?

Ezequiel 37,3

PRELÚDIO

**TRÊS RETRATOS DA
VÉSPERA DE NATAL DE 1945**

A sala de estar estava atulhada de coisas. Era pequena demais para uma mãe, seus três filhos e o galho torto que o mais velho deles havia serrado para fazer as vezes de árvore de Natal. Para onde quer que Felix Wolfe olhasse, havia folhas de pinheiro, bugigangas e rostos. Cada filho observava ansioso os três embrulhos humildes sob o galho, aguardando a permissão da mãe.

— Tomem cuidado para não rasgar o papel — ela instruiu. — Precisamos reaproveitar.

Martin, o mais velho, foi o primeiro. Seu pacote era o menor e guardava um relógio de bolso de segunda mão. Felix abriu sua embalagem com delicadeza, desdobrando os cantos do papel cuidadosamente e alisando os vinhos até encontrar um carrinho de brinquedo. Não era novo — tinha um amassado na porta direita e alguns arranhões na tinta vermelha —, mas ele não ligou. A professora tinha ensinado que brinquedos novos eram egoístas, porque desperdiçavam materiais de que o Führer precisava para vencer a guerra. Metal era necessário para fabricar Mauser e balas.

Adele abriu seu embrulho. Dentro, havia uma boneca com cabelo amarelo e olhos de botões azuis de uma blusa de seda velha da mãe. O vestido era feito de retalhos de tecido azul-cobalto, costurados cuidadosamente, com pontos apertados. Assim que sua irmã

gêmea olhou o presente, Felix soube que ela estava descontente. Ele sempre sabia aquelas coisas.

— Fiz outros vestidos — a mãe disse. — Você pode trocar as roupas dela todo dia. E vou ensinar como fazer tranças no cabelo dela.

As tranças da própria Adele bateram em suas bochechas quando ela balançou a cabeça e empurrou a boneca para longe.

— Não quero uma boneca! Por que não posso ter um carrinho como Felix?

A mãe cerrou os lábios. Seus olhos cintilaram como às vezes ficavam quando lia as cartas que o marido mandava do fronte. Aquilo deu um nó na garganta de Felix.

— Toma. — Ele empurrou seu presente para a irmã. — Pode brincar com o meu.

Os olhos de Adele se iluminaram. Ela agarrou o brinquedo. Começou a fazer o barulho do motor e a empurrá-lo pelo chão. Martin estava muito ocupado dando corda no relógio. Felix não sabia direito o que fazer sem seu carro. Pelo menos sua mãe estava sorrindo de novo, secando os olhos enquanto observava os filhos brincarem.

— Tem mais um presente — ela disse.

Os três filhos da família Wolfe ficaram paralisados. Felix olhou embaixo da árvore, mas não havia nenhum outro embrulho. Talvez eles fossem ganhar laranjas. Ou quem sabe a mãe tivesse economizado rações suficientes para assar um bolo de gengibre?

Ela atravessou a sala, desviando dos papéis de embrulho dobrados, das pernas e dos braços dos filhos, e dos presentes deixados de lado. Chegou à porta do quarto e colocou a mão na maçaneta. Fazia muito tempo que não via sorrisir tanto.

A porta se abriu. Lá dentro, com os braços abertos, estava o pai deles, ainda vestindo o uniforme do Exército. Seu quepe se incli-

nou sobre o cabelo empalidecido pelo sol enquanto ele se ajoelhava para cumprimentar os filhos.

Adele foi a primeira a se jogar em seus braços, gritando “*Papa!*”. Martin — que agora tinha um relógio de bolso e era praticamente um adulto — tentou conter sua euforia num aperto de mão firme. Felix ficou para trás, admirando a visão de toda a família reunida: *Mama* sorrindo ao lado do batente, *Papa* puxando Adele e Martin, que não estava mais tão relutante assim, num abraço de urso. Seu coração se aqueceu enquanto os observava, mais luminoso do que as brasas do fogão a lenha aceso.

Ele queria capturar aquele momento, guardar aquele sentimento para sempre.

— Felix, meu rapazinho! — Seu pai sorriu. Seus braços eram longos o bastante para alcançar o terceiro filho. — Cuidou bem desse bando? Manteve todo mundo longe de encrena?

Felix fez que sim enquanto mergulhava no abraço.

Seu pai explicou que tinha voltado de vez. A guerra estava acabando no Fronte Oriental e o Exército não precisava mais dele. Nunca mais precisaria partir.

Chega de despedidas. O calor dentro de Felix chamejou. Depois de anos de cartas do fronte, com Felix sempre temendo que a próxima anunciaría a morte do pai, a família Wolfe estava novamente reunida.

Fazia muitos meses que o pai de Luka tinha voltado para casa, graças à granada que arrancara seu braço esquerdo. As Kradschützen, tropas de motocicleta de elite que tinham sido parte crucial do ataque ao fronte russo, não tinham o que fazer com oficiais desmembrados, então Kurt Löwe e seu único braço foram enviados de volta para a Alemanha com um distintivo prateado de ferido e uma Cruz de Ferro de segunda classe. Cicatrizes e medalhas: as marcas de um herói de guerra. Luka ficou fascinado por ambas.

Não houve abraços nem sorrisos no reencontro, só um aceno duro de seu pai. Depois, a mãe de Luka explicou que seu pai estava cansado. (Afinal, tinha ficado na guerra por seis anos.) Ele só precisava repousar.

O pai de Luka repousou. Ficava sentado numa poltrona por horas e dias a fio, encarando o retrato do Führer pendurado sobre a cornija da lareira. Quando abria a boca, nunca era para perguntar ao filho como iam as aulas ou para elogiar a comida da mulher, mas para falar sobre a guerra. Contava dos infindáveis quilômetros cobertos de neve que percorrera sobre a moto. Dos tiroteios em que ele e os outros soldados se viram envolvidos. De quantos soviéticos ferira e matara. Tudo em nome de *mein* Führer.

Kurt Löwe repousou por meses, mas os sorrisos e abraços que a mãe de Luka havia prometido nunca chegaram. Nem mesmo na véspera do Natal.

A família Löwe sentou em volta da pequena mesa e comeu a carpa assada em silêncio. Não era o tipo de silêncio contente das missas de Natal, mas um silêncio tenso, preenchido pelo som de mastigação e garfos raspando o prato. Aquilo fazia Luka se contorcer na cadeira.

— Pare com isso — seu pai resmungou do outro lado da mesa.

A mãe lançou um olhar sério para Luka. Ele sossegou. Sentia que estava pisando em ovos. Como se algo estivesse prestes a se quebrar...

O pai estava cortando a carpa em pedacinhos calculados.

— Quando eu estava nas patrulhas noturnas, tínhamos que ser silenciosos como fantasmas. Nos movíamos sem produzir nenhum som. Era preciso, senão levávamos bala.

A mãe limpou a garganta.

— Kurt, não sei se esse é um bom assunto para a ceia...

— Um bom assunto para a ceia? — O pai de Luka socou o tampo da mesa. Ele ainda estava segurando o garfo, e o peixe desfiado pendia dele. — Perder meu *verdammt* braço pela pátria me dá o direito de falar o que eu quiser.

Ela não respondeu. Em vez disso, baixou o garfo e olhou para Luka.

— Quer abrir seu presente agora?

O menino se endireitou na cadeira e fez que sim. Estava esperando por aquele momento havia semanas. A única coisa que Luka queria era uma bicicleta (reluzente e vermelha). Às vezes, Franz Gross o deixava brincar com a dele. Os meninos se alternavam fingindo fazer parte da Kradschützen, acelerando o motor imaginário enquanto atravessavam fileiras de comunistas invisíveis.

— Seu presente está do lado do calendário do Advento — disse a mãe. — Vai lá buscar!

Não tinham árvore aquele ano, mas a mãe de Luka havia montado o calendário do Advento sobre a cornija da lareira. Quase todas as vinte e quatro portas de papel estavam abertas, revelando a Natividade pintada à mão: Maria, José e o Menino Jesus reunidos no celeiro, cercados por animais curiosos e fios de feno. Anjos de olhos azuis pairavam sobre a Sagrada Família, e uma única estrela brilhante pendia. Acima dela...

Assomava-se o rosto imortalizado do Führer, e seus olhos pintados seguiam Luka enquanto corria até o embrulho ao lado do piso da lareira. A caixa, embrulhada em jornal velho, era pequena demais para conter uma bicicleta. As manchetes antigas falavam do avanço da Wehrmacht através da Rússia, da vitória iminente e inegável do Reich. A foto do Führer dando um discurso sobre o futuro da Nova Ordem estava impressa no embrulho. Luka rasgou o jornal e encontrou um novo par de sapatos e um revólver de brinquedo. Encarou os presentes, sentindo o gosto amargo da deceção.

— O que achou, Luka? — O pai o havia seguido até a sala de estar e assistia a tudo em silêncio.

— Sei que queria uma bicicleta — disse a mãe do batente, com a voz doce —, mas as da loja de *Herr Kahler* eram muito caras. Talvez ano que vem, quando a guerra tiver acabado.

Nada de bicicleta. Depois de semanas, meses, anos de espera... ainda nada de bicicleta. Uma vontade de chorar subiu pela garganta de Luka.

— Para que você precisa de uma bicicleta? — o pai perguntou. Sua mão se ergueu até a Cruz de Ferro de segunda classe que pendia do botão de sua túnica militar. — Você vai a pé para a escola.

— Eu... queria brincar de Kradschützen com Franz. — Assim

que as palavras saíram da boca de Luka, ele quis voltar atrás. Mas era tarde, e as lágrimas já escorriam por seu rosto.

— Brincar? — O rosto do pai endureceu. Algo em seus olhos azuis e sem vida lembrou a pintura sobre a lareira. — Você quer *brincar* de Kradschützen?

— Quero ser igual a você.

Num único movimento de blitzkrieg, o pai de Luka soltou a Cruz de Ferro e pegou o filho pelo colarinho. A mãe se encolheu junto à porta enquanto ele arrastava o menino na frente dela, atravessando a cozinha e saindo pela porta.

Nevava bastante. Os dedos do pai continuaram firmes na gola de Luka quando parou sobre um monte de neve que aumentava cada vez mais.

— Quer ser igual a mim? Passei mais noites do que você é capaz de contar com climas muito mais frios do que este. Enfiado numa toca de raposa *verdammt* enquanto os comunistas tentavam enfiar uma bala na minha cabeça. Acha que eu passava o tempo choramingando?

Luka fez que não. Havia mais lágrimas agora turvando suas pálpebras.

— Não demonstre emoção. — Kurt Löwe sacudiu o filho com violência. — Nunca demonstre emoção. Lágrimas são uma fraqueza. Não vou aceitar um filho fraco. Você vai ficar aqui até parar de chorar.

Luka tentou, mas o nó em sua garganta só ficou mais apertado. As lágrimas que já haviam caído estavam começando a machucar suas bochechas, queimando de tão geladas.

Descalça no batente, a mãe tremia, também à beira das lágrimas.

— Kurt! Ele vai congelar!

— Você deixou nosso filho crescer fraco e ingrato, Nina. Encheu a cabecinha dele de arte e *Scheisse* metida à besta! Se eu con-

segui suportar um inverno inteiro nessa neve, o mínimo que ele pode fazer é ficar dez minutos nela.

— Você tinha um uniforme para se aquecer! Luka está sem casaco.

Kurt Löwe voltou a encarar o filho: curvado, com os dentes batendo e a canela enfiada na neve. Ele entrou na casa e retornou momentos depois com sua jaqueta de couro marrom e sua placa de identificação. Ambos foram jogados nos braços de Luka.

— Vista.

A jaqueta era grande demais; as mangas iam muito além dos dedos de Luka, descendo até o monte de neve. A placa de identificação pendia até seu umbigo.

— Jovens alemães têm de ser fortes. Resistentes como couro e duros como aço. — O pai apontou para a jaqueta e a placa de identificação. — Fique firme. Só bata na porta quando as lágrimas tiverem secado.

Como uma ceifa, o único braço de Kurt Löwe cortava a neve que caía enquanto marchava de volta para casa. Quando a porta se fechou, Luka tentou limpar as lágrimas com a manga enorme. Seu pai estava certo. O couro era duro, resistente demais para secar as lágrimas.

Luka ficou parado, olhando fixamente para a janela acesa da cozinha — minuto após minuto gélido, enquanto suas pernas perdiam a sensibilidade e seu coração se endurecia —, à espera de que sua tristeza secasse por conta própria.

III

Um bolo de gengibre recém-assado repousava no batente da janela da casa. A fresta aberta tinha poucos centímetros, o bastante apenas para deixar o frio entrar. O calor do doce subia numa nuvem de vapor, levando aromas de cravo, gengibre e melaço por todo o curral até o celeiro.

Yael se esforçou ao máximo para ignorar o cheiro. Já estava pronta para dormir, deitada nas pilhas de feno que faziam seu corpo coçar. O celeiro até que era quente, e o punhado de aveia que ela havia roubado do pote de comida dos cavalos afugentava a fome corrosiva.

Mas o bolo de gengibre...

Em seus sete anos de vida, Yael não se lembrava de ter comido algo que cheirasse tão bem quanto aquele bolo. A comida no gueto era escassa. A comida no acampamento era escassa e podre. (Porções de mingau, legumes estragados, pão mofado.) Desde que ela havia escapado das cercas de arame farpado usando suas habilidades para assumir a forma da filha do *Kommandant*, sua alimentação tinha melhorado muito. No verão, a floresta se enchia de amoras e cogumelos. Os pomares ficaram tão cheios de frutas no outono que as mulheres dos fazendeiros nunca pareciam notar as maçãs que faltavam de suas árvores. Agora que o clima estava mais rigoroso, Yael se abrigava nos celeiros, sustentando-se com a comida dos cavalos, na

esperança de que os donos não notassem que os animais estavam comendo o dobro sem engordar.

Fazia uma semana que ela espreitava aquele celeiro em particular. Era um período excepcionalmente longo, mas a família que morava naquela casa andava distraída demais com as festas para perceber a presença dela. Yael observava o processo todo da segurança do celeiro. A decoração da árvore, as músicas, os bolos...

Ela tinha visto a mãe bater o bolo até chegar a uma massa marrom-escura. Uma das filhas loiras (a mesma que caminhava na neve até o celeiro toda manhã, cuja respiração congelava o ar enquanto cantava “Noite feliz” sozinha e ordenhava a vaca sem fazer ideia de que Yael a ouvia do sótão) colocou a assadeira no forno. A outra descascava batatas. Os dois irmãos jogavam damas na mesa da cozinha em meio a risos e cotoveladas.

A família estava reunida na sala agora, jantando e esperando o bolo de gengibre esfriar. A aveia no estômago de Yael não parecia suficiente enquanto os observava. Ela queria estar naquela casa. Feliz e saciada, e não sozinha.

Aquilo era impossível, claro.

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Mas poderia roubar aquele bolo.

A vaca leiteira soltou um mugido lento e preguiçoso como saudação quando Yael desceu a escada do sótão. Antes de sair do celeiro, a menina se certificou que a manga do suéter estava abaixada, escondendo os números tatuados em seu braço. Seu cabelo emaranhado era dourado como palha. Seus olhos, claros e azuis. Ninguém ia reconhecê-la pelo que realmente era.

A neve caía grossa o bastante para cobrir suas pegadas no curto trajeto até a janela da cozinha. Depois de alguns minutos, não haveria nem sinal de que ela havia passado por ali. Só a janela aberta e a assadeira vazia.

Yael atravessou o pátio discretamente, ignorando o ardor da neve atravessando seus sapatos finos. O cheiro de bolo de gengibre estava mais forte agora, e os risos da família, mais altos. Ela conseguia ouvir um dos meninos contando uma piada sobre vacas falantes andando de bicicleta. A irmã mais nova ria tanto que chegava a guinchar.

Yael agachou embaixo da janela, estendendo a mão para a assadeira com os dedos famintos.

— E aí a primeira vaca virou pra segunda e disse...

— AI!

Yael, que sempre era tão silenciosa, tão cuidadosa, não havia considerado que um bolo fumegante significava que a assadeira ainda estava quente. Ela cobriu a boca, mas era tarde demais. A irmã mais nova parou de rir. Cinco cadeiras se arrastaram pelo piso da casa enquanto a família levantava de um salto.

— O que foi isso?

— Eric — a mãe disse a um dos meninos —, vá buscar o fuzil.

Yael já estava correndo pelo campo, deixando um rastro de pegadas atrás dela. A porta da casa se abriu com um berro. Ela não parou. Não olhou para trás. Aquilo foi bom porque...

BUM.

Noite feliz. Noite feliz.

Eis que no ar um tiro vem cantar.

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Yael não poderia voltar ao celeiro (Eric com suas piadas de vaca e sua espingarda louca para atirar seguiria suas pegadas até lá), então ela fez o que sempre fazia.

Continuou correndo.